

Gênero, um conceito possível às teorias e práticas psicanalíticas*

*Pedro Valentim Eccher**
Mériti de Souza***
Gustavo Angeli*****

RESUMO

O artigo propõe uma análise crítica sobre possibilidades de articular o conceito de gênero com teorias e práticas psicanalíticas. Trazemos a cena recortes de entrevistas realizadas com psicanalistas que reconhecem o conceito de gênero e procuram problematizá-lo a partir de práticas clínicas. Encontramos na história da psicanálise preconceitos e violências em pressupostos teóricos, assim como questões de gênero apresentam uma tendência em não serem trabalhadas na clínica como parte do psiquismo. Aponta-se a necessidade de apropriar o emprego do gênero na trama psicanalítica para possibilitar elaborações da história progressa e produzir interpretações mais condizentes com aquilo que nos constitui.

Palavras-chave: GÊNERO; PSICANÁLISE; CLÍNICA; SEXUALIDADE

Gender, a conceivable concept for psychoanalytic theories and practices

ABSTRACT

The article proposes a critical analysis of the possibilities of articulating the concept of gender with psychoanalytic theories and practices. We present excerpts from interviews conducted with psychoanalysts who acknowledge the concept of gender and seek to problematize it through clinical practices. In the history of psychoanalysis, we find prejudices and violence embedded in theoretical assumptions, just as issues of gender tend to go unaddressed in clinical settings as part of the psyche. There is a need to incorporate the concept of gender into the psychoanalytic framework in order to enable a reevaluation of past history and produce interpretations more aligned with the reality that shapes us.

Keywords: GENDER; PSYCHOANALYSIS; CLINICAL PRACTICE; SEXUALITY

* O artigo é uma produção baseada na pesquisa e dissertação de mestrado do primeiro autor, intitulada "Problematizando o Gênero na Psicanálise: entre discursos e práticas clínicas", defendida no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

** Psicólogo Clínico e Educador Popular, mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: pecccher@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8449-9464>

*** Psicóloga, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil. Doutora em Psicologia Clínica na PUCSP. Pós-doutorado na Unesp - Universidade Estadual Paulista; Pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais – CES - Universidade de Coimbra.

E-mail: meritisouza@yahoo.com.br

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8157-7615>

**** Psicólogo, doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE.

E-mail: gustavooangeli@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1732-1081>

Gênero, un concepto concebible para las teorías y prácticas psicoanalíticas

RESUMEN

El artículo propone un análisis crítico de las posibilidades de articular el concepto de género con teorías y prácticas psicoanalíticas. Presentamos extractos de entrevistas realizadas con psicoanalistas que reconocen el concepto de género y buscan problematizarlo a través de prácticas clínicas. En la historia del psicoanálisis encontramos prejuicios y violencia arraigados en supuestos teóricos, así como las cuestiones de género tienden a no abordarse en la clínica como parte de la psiquis. Se señala la necesidad de incorporar el concepto de género en el marco psicoanalítico para permitir una reevaluación de la historia pasada y producir interpretaciones más acordes con la realidad que nos conforma.

Palabras clave: GÉNERO; PSICOANÁLISIS; PRÁCTICA CLÍNICA; SEXUALIDAD

Introdução

Este artigo costura o gênero na trama psicanalítica, na qualidade de um conceito possível de ser apropriado e articulado. Acreditamos que trabalhar com o gênero possibilita outras e novas articulações sobre os destinos das pulsões, além de dar corpo para escutas e explicações quando somadas aos pressupostos do inconsciente e da sexualidade infantil tão caros à psicanálise. Pretendemos explorar as aproximações do campo psicanalítico com a temática de gênero, fundamentando teoricamente o texto em referências que consideram o gênero plural, para além do masculino e feminino, constituído por aspectos psíquicos e sociais distantes de quaisquer prescrições patológicas e generalizadas. Portanto, pretendemos reconhecer como as questões de gênero, presentes em diversas áreas do conhecimento, também possuem relevância na qualidade de categoria analítica em pesquisas sobre a constituição subjetiva e as práticas clínicas.

Como pano de fundo, atualmente, também acompanhamos o quanto que os estudos de gênero e os feminismos, a rua, a cidade, o aumento do público LGBTQIAP+ nos consultórios particulares e nas instituições públicas, as reivindicações políticas provocam psicanalistas a revisitarem suas escutas. As mulheres e as subjetividades que eram vistas como subversivas à normatividade começam a construir espaços habitados, pontes de diálogo e a resistir à mortificação da diferença. Pessoas protestam, rompem, fazem barulhos nas avenidas e nas teorias, demandando ser escutadas para além de hierarquias e psicopatologias, inaugurando outras possibilidades de amar e de sofrer distintas do que a psicanálise se acostumou a escutar no século passado (Porchat, 2018).

Para elucidar a necessidade de questionarmos e transformarmos determinados paradigmas científicos, Sigmund Freud (1917/2010) apresentou três feridas narcísicas da humanidade, produzidas por: 1) Copérnico, com seu modelo heliocêntrico que se opõe ao modelo ptolomaico e à Bíblia; 2) Darwin, com sua Teoria da Evolução das Espécies que se opõe às explicações criacionistas sobre o surgimento da vida; 3) si mesmo, com o reconhecimento do inconsciente perante uma hegemonia da racionalidade nos sistemas de pensamento ocidentais.

Jean Laplanche (2016) se apropria dessas argumentações e emprega o termo “Revolução Copernicana Inacabada” para se referir à psicanálise. Para ele, a psicanálise, além de reconhecer o inconsciente, deve sair de um movimento ptolomaico e chegar a um movimento



copernicano, sempre constante e inacabado. Movimento ptolomaico: a Terra como centro do Universo, uma teoria fechada e um sujeito fechado. Movimento copernicano: a Terra orbita o Sol, uma teoria descentrada e um sujeito descentrado, situação em que o outro e a problemática estão no centro do sistema relacional.

Um psicanalista nunca se pode fechar por completo, pois o inconsciente possui um caráter imprevisível, anárquico e indeterminado. Estagnar os conceitos das teorias contrapõe os próprios fundamentos que lhes permitem existir para além da lógica racional, cognoscente. As negociações do pulsional estão em constante mudança e variam conforme estabelecem contato com a cultura e os outros. Os conceitos devem ser provisórios, sendo introduzidos, excluídos e/ou transformados, à medida que se articulam (ou não) com o material estudado (Freud, 1915/2010), e inserir e/ou fazer trabalhar um único conceito reconfigura as formatações de toda uma teoria (Laplanche, 2016).

A partir desses pensamentos e aportes teóricos sustentamos a proposta desse artigo de problematizar as tensões e as transformações que as questões de gênero da atualidade produzem no campo psicanalítico. É também a partir dessas argumentações que tecemos o gênero na trama psicanalítica segundo as análises de discursos e práticas clínicas dos(as) psicanalistas entrevistados(as). Ressaltamos que o movimento de introduzir, problematizar e expandir conceitos caracteriza a psicanálise como uma “revolução permanente” em vez de uma “revolução passada”, presa em saudosismos e distante das mensagens que lhe são comunicadas (Figueiredo, 2018).

Estratégias teórico metodológicas

De forma específica, o pressuposto que encaminhamos neste artigo diz respeito à necessidade de problematizar a contribuição que o conceito de gênero traz à teoria psicanalítica sobre a sexualidade e a modulação psíquica, considerando notadamente a prática clínica. Pensando essa questão, vinculamos esse viés teórico com saberes tecidos em uma pesquisa em psicanálise extramuros elaborada durante o mestrado do primeiro autor. Foram entrevistados e analisados os discursos de cinco psicanalistas que residem no Brasil a respeito do gênero, considerando as ressonâncias das suas concepções sobre essa categoria analítica em suas práticas clínicas. A escolha dos profissionais entrevistados considerou aqueles que se reconheciam como analistas e que tinham no mínimo cinco anos de prática clínica. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da universidade onde foi produzida. Ademais, como medida adotada para manter o sigilo da pesquisa, foi omitida qualquer informação que pudesse identificar os/as participantes, bem como seus nomes foram alterados.

O recurso à escuta de profissionais clínicos sustentou-se na leitura da pesquisa como prática de produção de conhecimento baseada nas referências da psicanálise que assume o entrelace entre o universal e o singular e os conceitos da transferência, livre associação e atenção flutuante como mediadores entre teorias, entrevistador e entrevistados(as) (Rosa & Domingues, 2010). Consideramos ainda a importância do conceito e da prática da escuta nos contatos e no trabalho realizado com os profissionais, pois esse pressuposto é central na prática psicanalítica. A escuta diz respeito à atenção dada aos conteúdos inconscientes que transbordam a razão, reconhecendo os furos dos discursos e dos conteúdos da consciência. Na clínica, é constituída na relação entre associação livre do analisante (ato de se expressar sem regras ou enquadres fixos) e a atenção flutuante do psicanalista (ato de escutar as associações sem categorias ou interpretações pré-estabelecidas), efetivando-se também em um segundo tempo, quando o analista revisita os rastros da sua escuta (Freud, 1912/2010). Na pesquisa, como há um direcionamento prévio ao problema e aos objetivos da investigação, a escuta psicanalítica oferece flexibilidade ao pesquisador. A operação com a escuta psicanalítica envolve um saber inconsciente impossível de ser apreendido totalmente por uma questão ou por uma entrevista.

Logo, uma pesquisa pautada nessa premissa é mais potente pela forma como produz e emprega questões do que pela temática ou campo pesquisado (Costa & Poli, 2006).

Ato contínuo, recorreremos ainda à pesquisa teórica para trazer à cena autores(as) que traçam a história das aproximações e separações do conceito de gênero na seara psicanalítica e feminista (Stoller, 1968; Porchat, 2018; Laplanche, 2015; Butler, 2003; Lattanzio & Ribeiro, 2018).

Nesse contexto, deparamo-nos com a análise de diversos textos, no caso, com a análise das entrevistas, bem como do material bibliográfico dos autores utilizados, recorrendo para tanto aos conceitos de transferência, livre associação, inconsciente, gênero, considerando a relação estabelecida entre leitor e pesquisador e a linguagem. Entendemos que as análises puderam promover a enunciação de pontos ainda não escutados nas histórias dos/das psicanalistas, assim como possibilitaram a perlaboração de críticas e saberes por meio da escuta e análise sobre a temática da sexualidade e do gênero, dado que ela atravessa as grandes categorias identitárias e a constituição psíquica.

A questão do gênero atravessa a vida das pessoas e suas modulações psíquicas, sendo que o reconhecimento dessa dimensão pode possibilitar a escuta de inúmeros aspectos que podem trazer sofrimento à grande parcela da população. Nessa medida, o trabalho que, por parte dos profissionais psicanalistas, considera essa dimensão da vida humana pode oferecer escuta às pessoas, como também pode ampliar o escopo da dimensão do cuidado presente no trabalho desses profissionais.

Problematizando o gênero na história da psicanálise

A ideia clássica sobre o gênero foi abordada como uma composição de elementos de personalidade, afetivos, morais e de comportamento que diferenciam socialmente o masculino e o feminino. Num primeiro momento, o conceito foi empregado por psicólogos e psicanalistas como Robert Stoller (1968) para diferenciar aspectos sociais do sexo biológico. Entretanto, ganhou potência na década de 1970 com o escrito de Gayle Rubin (1975): “O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo”. As feministas se apropriaram desse conceito para agregá-lo às suas críticas produzidas desde o século XIX. Elas o articularam para desconstruir a naturalidade em torno do masculino e do feminino, além do estatuto da diferença sexual que regia as relações de poder e priorizava os homens em relação às mulheres nas sociedades impregnadas pelo patriarcado.

Tendo em vista esse cenário, pensamos em conjunto com o artigo de Felipe Lattanzio e Paulo Ribeiro (2018). Os autores resgatam uma pré-história do gênero na qualidade de categoria analítica desde sua criação com John Money (1955), atravessam as ideias de Ralph Greenson sobre simbiose e desidentificação com a mãe (1966) e terminam com os estudos de Robert Stoller (1968) associados ao “transexualismo”¹. Essas referências trabalhavam com o gênero num caráter clínico, sendo as duas últimas reconhecidas como psicanalíticas. Falamos de uma pré-história, dado que a criação do conceito para problematizar as relações de poder é comumente atrelada às teorias feministas e a Rubin (1975). As feministas se apropriaram desse conceito para questionar as relações de poder estabelecidas entre os sexos. Elas apontaram, com precisão e genialidade, que o sistema de pensamento ocidental é regido por valores masculinos, porém, constatamos o quanto a psicanálise também contribui com sua propagação.

Com o passar das décadas, houve uma cisão entre as contribuições da psicanálise e das teorias feministas. Os estudos de gênero foram hegemonicamente direcionados para um viés sociológico, focados nas relações desiguais entre os sexos e nas transformações coletivas perante a normatividade. Em contrapartida, as determinações inconscientes, a influência do gênero na constituição subjetiva e a sua participação nos conflitos psíquicos do sujeito foram invisibilizadas, esquecidas, desconsideradas. O aspecto clínico foi tão esquecido, que uma

parcela considerável de psicanalistas desconsiderou — e ainda desconsidera — o gênero como um conceito possível à psicanálise, tratando-o como estritamente social, exclusivo às teorias feministas (Lattanzio & Ribeiro, 2018).

A cisão do gênero em, de um lado, um aspecto político e social (feministas), de outro, um aspecto clínico e singular (psicanálise), produziu uma dilaceração do conceito. Revela, entretanto, uma interdependência, dados os limites impostos a apenas uma abordagem dicotômica, mesmo que essa relação entre as duas disciplinas seja marcada por conflitos constantes (Lattanzio & Ribeiro, 2018). É importante sublinharmos que os autores em nenhum momento desqualificam as teorias feministas, pelo contrário, reforçam as contribuições de suas teses para as análises das relações de poder presentes nas sociedades. Mencionam, inclusive, excelentes trabalhos de autoras como Judith Butler, Joan Scott, Donna Haraway, Gayatri Spivak, entre outras. Atualmente, assim como uma parcela da psicanálise transforma hegemonias, teorias feministas e estudos de gênero também transmutam pressupostos. Os dois autores apontam, contudo, histórias desconsideradas em ambas as frentes, indicando outras possibilidades de [re]leitura.

A separação entre essas disciplinas foi tão marcante que, no Brasil, por exemplo, Patrícia Porchat (2018) relata, a partir da sua história singular, que, até 2007, esse conceito não era tão comum: “Gênero e psicanálise já estavam em diálogo na Argentina desde 1980 e Butler já havia sido traduzida [para o espanhol] na década de 1990. Em 2007, quando defendi minha tese de doutorado, ninguém falava disso no Brasil” (Porchat, 2018, p. 38). Apenas após esse período, de 2010 em diante, a autora percebe um aumento da presença desse conceito nos discursos de psicanalistas bem como uma maior aproximação por parte do campo psicanalítico brasileiro das temáticas associadas às pessoas trans e às teorias feministas, queer e de gênero. Neste momento, interessa-nos esse lado borrado da psicanálise e como psicanalistas podem (ou não) se apropriar do gênero.

No arquivo psicanalítico internacional, encontramos em Laplanche (2015) recursos para assumir uma concepção potente sobre o gênero. Para dar conta dos recalques produzidos na herança freudiana, denominando-os “desvios biologizantes”, esse autor propôs a noção de gênero plural, despatologizado. Ele identificou que o apagamento do sentido “gênero”, quando comparado a “sexo” na transmissão psicanalítica, foi um possível recalque das teses freudianas próximas do anarquismo pulsional e da resistência de uma parcela de psicanalistas em abandonar o caráter estritamente biológico sobre a diferença sexual. Retoma, portanto, os pressupostos de uma sexualidade perverso-polimorfa e [re]introduz o gênero na qualidade de conceito psicanalítico:

O gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social.

O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fático/castrado.

O Sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise.

Proposição: o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo (Laplanche, 2015, p. 11).

Essa concepção laplancheana resgata os primeiros ensaios da obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2016). Nela, o gênero é anterior ao sexo no processo de constituição psíquica, pois, hegemonicamente, nas sociedades ocidentalizadas, o adulto designa a constituição da criança em menina ou menino, bombardeando-a com mensagens e prescrições, antes mesmo que a criança constate sua diferença anatômica. As mensagens são enigmáticas e

carregam os conteúdos inconscientes do adulto, seus enigmas e dilemas sobre sua constituição psicosexual.

No imaginário sobre o parental, as expressões sexuais incidem nas identificações de gênero da criança que podem corresponder ou não às normatividades. Na tentativa de traduzir os enigmas e as prescrições de gênero, o infante simboliza as mensagens a partir do seu sexo anatômico marcado pela dualidade e pelos códigos sociais impostos às genitálias, ao homem e à mulher. O Sexual², pulsional, é o resíduo inconsciente não traduzido após o recalque do gênero perante o sexo dual. O Complexo de Édipo é então localizado, mutável, um esquema narrativo produzido pela criança a partir das suas relações assimétricas e enigmáticas com as figuras de parentesco.

Existem três pontos centrais dessa proposição de Laplanche sobre o gênero, pautada na sua Teoria da Sedução Generalizada (TSG)³: 1) são relações fundadas no envio e na recepção de mensagens, sendo “mensagem” entendida para além de uma lógica da linguagem; 2) existe uma relação fundante do inconsciente entre o adulto e a criança; e 3) aborda uma dissimetria básica das mensagens do adulto em comparação à capacidade de tradução da criança devido aos enigmas impostos nesse encontro, pois o adulto desconhece seus próprios conteúdos inconscientes e a criança ainda não possui um aparelho psíquico constituído. As relações assimétricas entre gerações e as tentativas de tradução dos enigmas por ambos os lados são denominadas “Situação Antropológica Fundamental” (SAF), sendo um fenômeno necessário para a constituição psíquica (Tarelho, 2012).

A diferenciação entre sexo, gênero e Sexual articulada por Laplanche (2015) também tem como inspiração outras teses freudianas, especificamente a “[...] diferença entre *Unterschied* e *Verschiedenheit*, entre ‘diferença’ e ‘diversidade’. A diferença é a correspondente ao par fático/castrado, enquanto a diversidade corresponde ao conjunto de atributos que articulam modos distintos da sexualidade” (Bleichmar, 2021, p. 114). Nessa linha de pensamento, as expressões sexuais são plurais e singulares, produzidas pelo sujeito na SAF. Trata-se de uma proposição que possibilita reconhecer a plasticidade sexual e também de gênero sem patologizar e sem abdicar da hipótese do inconsciente, pois se a diversidade sexual é diversa perante a diferença, as formas de como o sujeito se reconhece e relaciona com elas também podem ser.

Assim, torna-se fundamental dissociar as relações diretas de reconhecimento (uma pessoa cis, trans e não binária, por exemplo) das sexualidades (homo, hétero e bi, por exemplo) sem tornar isso uma relação linear com o sexo anatômico ou com determinações biológicas e anatomistas. Para agregar à releitura de Freud por Laplanche, Ceccarelli e Eduardo Andrade (2018, p. 233) demarcam a importância de diferenciarmos o recalque do Sexual e a repressão da sexualidade, exemplificando a gravidade de traduzi-los como a mesma instância:

O primeiro movimento, o recalque (*Verdrängung*), diz respeito à barreira do incesto, que nos obriga a abandonar nossos primeiros objetos sexuais [...] presente em toda cultura, o recalque é condição inegociável para que ela exista; é o movimento que diferencia e organiza o humano. Já a repressão (*Unterdrückung*) da sexualidade guarda profundas relações com a moral sexual e aos sistemas de valores que sustentam o imaginário.

Os autores alertam, a partir de uma influência foucaultiana, sobre os perigos de lermos constantemente as repressões da sexualidade impostas por dispositivos controladores do uso da libido e do prazer, confundindo-as com o Sexual que não cessa de traçar seus caminhos sem destino fixo. Certos retornos à teoria foram enviesados por contradições conceituais e verdades institucionais que historicamente excluíram a pluralidade dos debates. Em outras palavras, defender uma ideia universal de identidade de gênero ou de prática sexual impossibilita o

trabalho sobre a radicalidade singular do sujeito. É fundamental o reconhecimento da plasticidade perante o instituído, pois não há possibilidade de existência para apenas dois gêneros, não há uma única prática sexual possível, assim como não há um caminho para a masculinidade ou a feminilidade.

Os estudos citados nos apontam que as variabilidades do gênero produzidas no contraste com a norma desestabilizam narrativas engessadas e resistências. A escuta das denominadas históricas, a subversão freudiana em questionar explicações meramente biológicas e depreciativas, pode ser problematizada e ampliada. Independentemente de corrente teórica, psicanalistas não precisam manter conceitualizações agressivas, estranhas ao classicismo de teorizar e escutar o inconsciente. Mapear como o gênero aparece numa prática clínica permite-nos perlaborar histórias progressas e produzir interpretações mais condizentes com a realidade que nos cerca, atravessa e constitui.

Com efeito, é válido sinalizarmos os recalques da psicanálise referentes a determinadas concepções sem abolir por completo suas potências. A ilusão neurótica de uma verdade universal, isenta de furos, é totalmente contrária aos pressupostos do método psicanalítico, assim como em uma análise nem tudo o que é recalcado pode ser perlaborado. Apesar disso, as questões associadas ao gênero podem receber novas pesquisas e outros horizontes, podem provocar reavaliações de arranjos práticos e teóricos. Permitem-nos costurar outras linhas na malha discursiva da psicanálise, tornando viáveis outras alternativas de transmissão e formação. O que se escreve problematizando a teoria está associado a uma prática e vice-versa.

Uma análise de dois termos na mesma sentença

Uma pergunta norteadora foi empregada em todas as entrevistas: “O que lhe surge quando você pensa em psicanálise e gênero, esses dois termos juntos na mesma sentença?” Essa foi uma pergunta criada na primeira entrevista a partir da transferência com aquele entrevistado. Conforme o discurso escutado nesse primeiro momento e lendo a transcrição só depois, foi decidido manter essa pergunta em todas as entrevistas e acompanhar os/as psicanalistas em suas associações. Dada a complexidade da relação entre esses dois termos, foi uma espécie de questionamento feito pelo entrevistador inúmeras vezes desde que começou sua pesquisa. Algo simples, mas que convoca uma série de problemas quando precisa ser narrado.

Para Adela Stoppel de Gueller (2019), a presença do termo “gênero” complica as discussões do campo psicanalítico, mas ainda assim é fundamental que este seja evocado e debatido. Na argumentação dessa autora, mesmo não considerando o emprego desse termo potente para a psicanálise por ele escamotear questões sobre a sexualidade, o gozo



Albrecht Dürer: Adão e Eva (1507)

e o desejo — o que discordamos; talvez o ponto seja como introduzimos e operamos esse conceito na trama psicanalítica —, ela reconhece a instauração da sua força na nossa língua. Na sua linha argumentativa, o gênero está no foco das manifestações políticas, seja nas reivindicações de seus defensores, seja nos ataques de seus detratores⁴. É preocupante psicanalistas não escutarem esses barulhos. Reprimi-los é uma tentativa forçada de estar fora da cultura.

Os discursos ideológicos proferidos por membros do governo de extrema direita e pelo presidente em exercício até 2022, Jair Messias Bolsonaro, são exemplos trágicos da tentativa de repressão do gênero nos debates atuais. Entre tantos ataques, houve ordens de retirar essa palavra dos documentos e das resoluções da ONU no Brasil, uma medida que fere outros tratados internacionais assinados por governos brasileiros desde 1990. Logo, “Absurdos como esse nos tornam imediatamente simpatizantes das questões de gênero, e não logramos sair desse engodo. Não podemos compactuar com a tentativa de abolir um termo que carrega uma luta política de segregação e extermínio histórico” (Gueller, 2019, p. 101). Assumir um posicionamento crítico se aproxima dos traços subversivos da herança freudiana e de suas interações políticas com a história que lhe é constituinte.

A pergunta fez sentido para as entrevistas, justamente porque nesta pesquisa optou-se por diferenciar sexo, gênero e sexualidade e por escutar como cada psicanalista apreendeu (ou não) o gênero em seu percurso formativo. A ideia foi dar espaço para associações mais simples e brincar com interpretações mais corriqueiras sobre a junção entre “psicanálise” e “gênero”. Dois principais pontos de interpretação surgiram a partir das primeiras respostas dos/as entrevistados/as: 1) dúvidas, inseguranças e receios sobre a presença das questões de gênero no campo psicanalítico; e 2) heranças ao pensar o gênero e suas expressões a partir da psicanálise. Os dois pontos possuem relações dinâmicas entre si, separados aqui apenas por critérios expositivos e didáticos.

Nesse momento, abrimos um parêntese, pois parece importante fazer alguns comentários sobre a negativa da maioria dos convidados a participar da pesquisa, considerando que inclusive alguns deles disseram não participar por conta do tema “gênero”. Consideramos importante pontuar alguns aspectos que nos chamaram a atenção nesse percurso de convidar profissionais a ser entrevistados e nas respostas obtidas, por entender que esses aspectos impactaram diretamente na própria elaboração da pesquisa. Indicamos que foram convidadas quarenta e duas pessoas a ser entrevistadas, e a maioria delas não aceitou participar. Para exemplificar, segue abaixo uma das respostas recebidas:

Olá, tudo bem? Agradeço teu contato e convite. Pela tua descrição, parece ser uma bela pesquisa, mas fico em dúvida sobre como poderia contribuir para ela. Embora reconheça a importância do tema e da necessidade de que a psicanálise esteja constantemente sendo repensada a partir de novas pautas de ressonância social, devo admitir que as questões de gênero não são para mim propriamente uma área de pesquisa. Também não saberia esclarecer em uma entrevista em que medida minha clínica foi afetada por essa discussão. Talvez pelo recorte restrito dos encaminhamentos que recebo, tenha sido pouco. Não sei como você chegou até meu nome em particular dentro da associação da qual faço parte, mas há nessa instituição um grupo de colegas que vêm trabalhando com afinco sobre as relações entre psicanálise e gênero. Se for do teu interesse, posso te colocar em contato com essas pessoas, que certamente trarão contribuições mais interessantes do que eu para o teu mestrado.

Sobre esse ponto dos convites para as entrevistas, de forma ampla, foi recebido outras negativas aos convites à pesquisa com os seguintes argumentos: “Talvez não possa te ajudar

com essa temática, não vejo esse público aparecendo na minha clínica”; “Não sei como poderia contribuir com uma pesquisa que trabalhe com o gênero na psicanálise”; e “Você poderia me dizer como eu poderia te ajudar? Não consigo visualizar algo que possa pensar sobre essa temática”. O ponto aqui foi problematizar o alcance da pesquisa e as relações de psicanalistas com a proposta. Existem inúmeros elementos para que alguém se disponha a participar ou não de uma pesquisa universitária. Há aspectos que influenciam o aceite dos convites, como agenda, desejo, interesses de estudo, opinião, privacidade, confiança, autonomia de escolha, entre outros. Longe de generalizar posicionamentos, perguntamo-nos como a proposta foi lida e escutada, além de quem pôde se interessar por ela.

A primeira pergunta produzida a partir dessas respostas foi: como questões de gênero não aparecem numa prática clínica, se mesmo a hétero-cis-sexualidade é produzida e compõe a constituição psíquica de um sujeito? (Butler, 2003) Outras perguntas produzidas sobre isso foram: o que esses psicanalistas concebem como questões de gênero? Acreditam que estão associadas somente ao movimento LGBTQIAP+? Mesmo que não recebam pessoas reconhecidas nessa sigla, quais os motivos de não chegarem aos consultórios particulares? E se em vez de gênero tivesse empregado o termo “sexualidade”, as respostas seriam as mesmas? São problematizações pertinentes, sem a pretensão de obter respostas prévias, que auxiliaram a compor as ideias que seguem neste tópico, pois, de certa forma, também aparecem na fala dos/as entrevistados/as.

Seguindo as postulações de Porchat (2018) e Lattanzio e Ribeiro (2018), pensamos os entraves ao legitimar o gênero na qualidade de um conceito e um tema passível de ser trabalhado por psicanalistas. Após entrar em contato com diversos psicanalistas, evocar o termo “gênero” e associá-lo a uma pesquisa em psicanálise levantou uma série de negações e recusas. Algumas por incompatibilidades de agenda e de desidentificação com a proposta, mas outras pareceram carregar receios relacionados a esse assunto ainda considerado desconhecido, espinhoso, delicado e pertencente a outros saberes (feministas, queer, estudos de gênero e sociologia) que se diferem do saber psicanalítico e, conseqüentemente, de suas práticas clínicas. Há, portanto, uma cisão na relação da herança freudiana a ponto de ser muito complexo e até mesmo impossível narrar algo sobre relações da psicanálise com o gênero.

Essa lógica discursiva de receio ao tema também aparece em determinados momentos entre as associações produzidas a partir das primeiras perguntas nas entrevistas. Em outras palavras, mesmo entre os/as psicanalistas que concordaram com participar das entrevistas, também localizamos esse entrave ao situar a questão da psicanálise e do gênero. Pairaram no ar dúvidas e questionamentos sobre como narrar algo sobre o trabalho com questões de gênero na psicanálise, por exemplo:

Ernesto: Acho que em um primeiro momento, na associação livre mesmo, me vem muita dúvida. Acho que essa talvez seja uma das grandes questões, tanto que a tua pesquisa é ótima por conta disso. É uma dúvida realmente. Como lidar com essas questões na psicanálise.

Joana: Sabe que até esses dias eu estava pensando nisso. Eu confesso que eu tenho um desconhecimento de algumas coisas em relação a isso. Mas eu confesso que eu ainda tenho esse desconhecimento em relação a alguns termos. Mas eu vi um evento que falava das questões de gênero de uma instituição psicanalítica que me chamou atenção, porque eu não lembro agora bem qual era o tema, mas era algo que parecia parecer preconceituoso, porque teria uma questão que seria normativa do que seria o gênero. Não sei se o termo foi preconceituoso ou eu que fui preconceituosa achando que era preconceituoso por desconhecimento meu.

Foi proposta uma primeira pergunta que exigia articulações e tensionava ideias. Somado ao contexto de entrevista gravada e à necessidade de formulação de uma resposta ao entrevistador, é compreensível a complexificação de trabalhar o assunto. Ao mesmo tempo, essas associações foram vinculadas à dúvida e ao desconhecimento de como falar sobre essa relação. Portanto, constatamos receios inerentes às questões de gênero, como se elas não fizessem parte desde o início das ideias freudianas, desde a escuta subversiva das denominadas históricas e o rompimento com o tratamento hegemônico sobre essas mulheres no século XIX, questões essas explicadas por outros termos, mas ainda assim explicadas. As dúvidas enunciadas por Ernesto e por Joana fazem-nos [re]pensar o quão importante é o desprendimento de um lugar de poder e saber para perlaborar essas problemáticas no campo psicanalítico.

Sublinhamos serem dúvidas e receios legítimos dado que a dinâmica do campo psicanalítico e suas transmissões históricas culminaram numa espécie de Torre de Babel⁵. É como se os psicanalistas estivessem experienciando um espaço onde poucos se entendem, e as conversas se perdem devido às múltiplas línguas manifestadas. São enfrentamentos e divisões que também podem ser encontrados em escritos que operam sobre o prisma das teorias e movimentos feministas e de gênero. O desentendimento entre línguas culmina na destruição dos saberes e receio ao incompreensível. Esses embates entre os próprios psicanalistas e deles com outros campos e saberes são mais frequentes do que gostaríamos e também aparecem nas primeiras associações desse entrevistado:

Vicente: Surgem duas coisas. Uma é que, por um lado, eu tenho aproximação com muitos colegas próximos que pesquisam exatamente isso. Então por um lado eu tenho essa aproximação com pessoas muito próximas. Por outro, me vem também uma certa, uma certa psicanálise um pouco mais enrijecida ou mais conservadora que vai trazer muitas críticas. Como primeiro momento na associação livre, me surgiu que essas duas me parecem que estão sempre em embate. Mas isso me causa também uma outra questão, é que eu não sei se é só minha, enfim, que parece que me produz um cansaço ao mesmo tempo de um certo embate que já se esgotou. Talvez não precisasse ser tão bélico.

Particularmente, temos uma proximidade e um lado nesse embate. A diferença está em que os estudos de gênero, os feminismos e as revisões psicanalíticas ampliam e desnaturalizam as escutas tanto das subjetividades quanto dos processos políticos e sociais. Quer dizer, fornecem ferramentas para combatermos as violências de gênero contra mulheres, pessoas reconhecidas na sigla LGBTQIAP+ e demais pessoas marginalizadas e historicamente invisibilizadas. Por isso, assim como Vicente, acreditamos ser crucial anunciarmos e problematizarmos esses embates para podermos apontar saídas, traduzir da melhor forma possível as diferenças e estabelecer pontes de diálogo, mesmo que permaneçam restos impossíveis de serem traduzidos nesses processos. No Brasil e na América Latina, temos atualmente uma série de referências, como as apropriadas por este artigo.

Os receios com relação ao gênero são frequentemente produzidos por dogmatismos criados com o passar das décadas e certas hostilidades do campo psicanalítico com o estrangeiro. Isso se intensifica com ataques de outros profissionais e campos do saber à psicanálise, que replicam uma lógica de desvalidação do saber psicanalítico, algo que precisa ser problematizado da mesma forma. Christian Dunker (2019, p. 54), em resposta a Marcus do Rio Teixeira e suas críticas a Judith Butler e o trabalho com o gênero no campo psicanalítico, retrata a importância de lembrarmos histórias que possibilitaram a psicanálise existir, histórias por vezes esquecidas, recalçadas, assim como articulado nos marcos teóricos desta dissertação. Conforme o autor, Freud, Lacan e outros pós-freudianos mantiveram contato com o

contraditório e o estrangeiro de suas transmissões, e isso foi extremamente potente para ora defender, ora reformular ideias:

Lembremos como Freud debateu com Deutch e Horney, que deram sustentação teórica ao movimento feminista de sua época. Lembremos como Lacan comenta as teses de Stoller [...]. Não vamos esquecer da relação mais visceral de Lacan com o Feminismo na figura de Luce Irigaray intervindo nos Seminários XII e XIV [...]. Rememoremos como ele enaltece a qualidade do trabalho Polylogue de Julia Kristeva, no Seminário XXIV [...]. Como se esse esquecimento não fosse o outro nome da ideologia.

Nesse texto, Dunker (2019) rebateu críticas sobre a chegada de Judith Butler ao Brasil e sua recepção junto de psicanalistas brasileiros num colóquio sobre democracia organizado pelo consórcio USP e pela Universidade de Berkeley em 2017. Em suma, as críticas respondidas se basearam na suposta incompatibilidade das teses de Butler bem como de outros estudos feministas e de gênero com os pressupostos psicanalíticos. Coincidentemente, a participação de Butler nesse colóquio também foi atacada por apoiadores da extrema direita brasileira, acusando a organização do evento de perverter os valores cristãos, de destruir a suposta família tradicional brasileira, além de propagar uma suposta ideologia de gênero. Sabemos que Butler possui críticas à psicanálise, mas também trabalha a partir de alguns pressupostos dessa herança. Fica nítido com esse episódio o quanto a falência das instituições e da diferença sexual provoca ataques a sujeitos e movimentos, dentro e fora do campo psicanalítico, pautados em valores heteronormativos, binários, hierárquicos e hegemônicos, pois pretendem ser incontestáveis e suprimir a pluralidade.

A partir dessa discussão, deparamo-nos com a ideia de problematizar sem precisar cair numa lógica binária de verdadeiro ou falso, legítimo ou ilegítimo. Existe uma diferença nítida entre a discordância de conceitos ou temáticas e a propagação de ideias que se aproximam diversas vezes de uma lógica fascista de exclusão e inviabilização da diferença em nome de uma supremacia, nesse caso, teórica e ideológica (Gueller, 2019). Por mais que pareçam estar muito próximas, a diferença prático-teórica não pode justificar ataques às lutas históricas de combate às violências que suprimem pessoas:

Joaquim: Às vezes, acho que tem propostas de leituras teóricas que tentam colar expressões de gênero em estruturas psíquicas marcadas, estruturas psicanalíticas. Já vi, às vezes, aproximações de, por exemplo, da transexualidade e psicose, ou transexualidade e perversão, que são coisas que eu acho que empobrecem demais a possibilidade de análise dos casos. Acho que é um tema que até por tocar nos pilares da psicanálise, na epistemologia da diferença entre os sexos, tal, movimentada uma série de dúvidas e de angústias das pessoas com relação a isso, e eu penso que muitas vezes isso leva a uma rapidez em teorizar e generalizar sobre as experiências.

Articulando essa discussão com o segundo ponto de interpretação desta análise, escutamos como as questões de gênero não são comumente associadas aos escritos, conceitos e documentos correspondentes ao que podemos denominar pressupostos freudianos/psicanalíticos. Pressupostos como sexualidade infantil, diferença sexual, Complexo de Édipo, castração, entre outros, ainda carregam uma carga desenvolvimentista. Assim, o gênero seria uma “coisa” à parte desses conceitos, distante, e aproximá-lo do nosso saber infere refazer fundamentos das teorias que nos são tão comuns. Na tentativa de deslocar o gênero exclusivamente para o plano social, arriscamos trabalhar a sexualidade atravessada por ideias inatistas e universalistas.

A fala de Joaquim sobre a dinâmica apressada em teorizar, denuncia os efeitos iatrogênicos possíveis de serem produzidos em práticas clínicas. Sujeitos distantes da heteronorma podem ser condenados em nome de princípios teóricos. Ayouch (2015, p. 40) se apropria das homossexualidades para exemplificar esse processo discriminativo: “Será que faz sentido teorizar uma metapsicologia da homossexualidade enquanto organização psíquica particular distinta? Não é a escolha do objeto homo/hétero um elemento da organização subjetiva tão relevante como outros elementos e, portanto, incidente?”. A luta contra as violências no campo psicanalítico passa pela demarcação das diferenças políticas e sociais. Ao mesmo tempo, passa pela escuta do comum da vida psíquica, dado que as pessoas dissidentes da norma “não escapam às vicissitudes do inconsciente [...]” (p. 40).

Essas composições podem ser expandidas para outras identidades de gênero que dissidem da lógica heteronormativa. Quando compreendemos que a escolha de objeto e o gênero são elementos que podem dissidir da lógica binária e hierárquica na qual a herança freudiana hegemonicamente tendeu a ser transmitida, o masculino e o feminino, torna-se possível concebermos um espaço de escuta que possibilite a perlaboração da história singular do sujeito, de como ele a experiencia na época e na cultura em que está inscrito. Isso porque as vicissitudes do inconsciente ainda estarão presentes: o sofrimento psíquico; a incompatibilidade entre princípio do prazer e princípio da realidade; as negociações pulsionais; os dilemas sobre a castração e as teorias sexuais infantis; o estabelecimento ou não do recalque; e o mosaico de identificações.

A identidade de gênero remete à experiência de pertencimento interna e externa do sujeito com o gênero no qual se reconhece. LGBTQIAP+, mulheres e homens, héteros e cisgêneros são identidades de gênero, porque implicam como o sujeito se identifica e se expressa, sem obrigatoriamente ter relação linear com desejo, práticas sexuais e/ou sexo biológico. Implica, portanto, concepções coletivas sobre a identidade. É fundamental, num trabalho psicanalítico, demarcar o que de singular se produz e escapa às definições universais (Martins, 2019). Anna, por exemplo, como uma psicanalista de longa data, produziu associações que se alinham à fala de Joaquim, comentando as mudanças que constatou com o passar das décadas em lidar com o universal e o singular correspondentes às questões de gênero:

Anna: Eu comecei a observar que isso estava diminuindo. Que as pessoas circulavam, se relacionavam uma hora com alguém nomeado como homem, outra com alguém nomeada como mulher, e isso parece que não era o que fazia questão como em outros momentos. Antes era um sofrimento, era uma desgraça. Meu Deus, que que eu vou fazer com isso? Então isso foi a coisa que mais me chamou a atenção.

Também nos desperta a atenção essa constatação de Anna, pois falar de gênero é historicamente associado ao binarismo e à hierarquia entre homem e mulher, masculino e feminino. Assim como é associado à violência de gênero e às pessoas que desviam da heteronorma (trans, não-binárias, homossexuais, intersexo, entre outras). Pesquisas nesse sentido foram e são necessárias para problematizar as relações históricas de poder (Lattanzio & Ribeiro, 2018). Entretanto, a partir das associações de Anna, escutamos como na atualidade também se torna fundamental trabalhar com a ideia de plasticidade do gênero na formação dos psiquismos. Em suma, como podemos transformar as questões de gênero, primeiro em uma temática central no vocabulário psicanalítico, segundo em uma temática que considere a plasticidade sexual e de gênero em todos os sujeitos, sem precisar deixar de demarcar características políticas e históricas vivenciadas pelas denominadas minorias.

As questões de gênero possuíram uma tendência em serem pensadas nos processos sociais e não trabalhadas na clínica como parte do psiquismo, como se não estivessem presentes desde o início da constituição psíquica. Neurose, psicose, perversão, histeria; temas

denominados clássicos; são comuns de estarem na ponta da língua dos psicanalistas. Já o gênero parece coberto de nuvens duvidosas e permanentes, isolado das teorias e difícil de se apropriar, mesmo aparecendo nas práticas clínicas de diferentes profissionais e estando presentes desde o início da psicanálise com a escuta e o reconhecimento do sofrimento das denominadas históricas atendidas por Freud (Freud, 1893 — 1895/2016). Isso nos aponta para o quão necessário é desconstruir alguns estigmas, normalizar e apropriar o emprego do “gênero” na trama psicanalítica sem desconsiderar o inconsciente e a sexualidade infantil.

Considerações finais

Finalizamos este artigo inspirados em Michel Foucault (1988) e suas problematizações. Uma das principais características da problematização foucaultiana é a historicização dos temas abordados. Isso fica nítido quando esse autor argumenta, em seus escritos, que a loucura nem sempre foi considerada uma doença mental e tratada da mesma forma, assim como argumenta que as estratégias de punição nem sempre passaram pelo encarceramento numa prisão. Para ele, problematizar significa interrogar questões presentes de acordo com posicionamentos críticos, considerando que as experiências e as verdades da humanidade estão localizadas historicamente. Em outras palavras, os conteúdos nos quais nos debruçamos não são tão dados quanto parecem, são mutáveis, estão em movimento, as verdades não são universais.

Somado à ideia de problematização, trazemos uma das falas de Vicente, um psicanalista entrevistado nesta pesquisa, sobre a obviedade: “Eu acho que vou começar, eu ia dizer óbvio, mas eu não sei se é óbvio, não sei se é tão óbvio assim”. Essa fala de Vicente é enunciada quando perguntado sobre como ele relaciona os termos gênero e psicanálise na mesma sentença. O reconhecimento de que algumas ideias não são tão óbvias quanto parecem, permitiu que ele pudesse reformular as respostas, oportunizou direcionar seu discurso para algo que até então poderia não ter sido explorado. O óbvio, por vezes, pode ser confundido com o empobrecimento de ideias, discursos e apreensões. As obviedades numa pesquisa em psicanálise não podem ser naturalizadas, as invenções freudianas nos denunciam isso.

Partindo das concepções e experiências enunciadas por psicanalistas, sustentamos uma pesquisa qualitativa fundamentada em uma psicanálise preocupada com situações clínicas, políticas e sociais da atualidade. Com o desembolar dos impasses advindos durante a pesquisa, ficou nítido que trabalhar entre as fronteiras da psicanálise com o gênero era algo desafiador, passível de críticas constantes e de uma extrema exigência conceitual. A psicanálise pretendeu, desde a sua invenção, ocupar um lugar de saber e poder sobre o sexo e a sexualidade; e problematizar o lugar ocupado hoje e que percursos podemos tomar a partir dele é complexo. É, contudo, um trabalho coerente com o método psicanalítico, indispensável para a manutenção de sua existência e para a produção de saberes socialmente significativos

A escuta dos barulhos que as ruas e os movimentos sociais produzem podem promover ideias a respeito de elementos singulares e coletivos que circulam os campos psicanalíticos, de mudanças e/ou resistências, sobretudo após determinadas críticas e contribuições de outras disciplinas à psicanálise; e dos tensionamentos que a psicanálise também cria no momento que estabelece diálogo com essas disciplinas. Constatamos pelos referenciais apropriados e pelos discursos dos/das psicanalistas entrevistados/as que o debate na própria psicanálise sobre a categoria analítica de gênero nem sempre é fluido. Ao problematizar a história do movimento psicanalítico, também encontramos uma série de violências e discriminações sustentadas em pressupostos teóricos recheados de contratransferências. Assim, a aproximação de referenciais que legitimam o gênero e o articulam ao inconsciente torna-se necessária para acolhermos as demandas que surgem na clínica e na cultura.

Diferentes posicionamentos nos puderam apontar saídas para dilemas envolvendo as questões de gênero da atualidade. No campo psicanalítico, a transformação de paradigmas relacionadas ao gênero é possível no momento que problematizamos como essa temática nem sempre foi concebida da mesma forma. Todo texto tem um limite, uma borda, assim como quem o escreve. As análises tecidas neste artigo são parciais, são recortes a partir daquilo que conseguimos produzir. Elas expandem problemas, mas não os esgotam. Fica a mobilização de continuar tecendo saberes socialmente significativos a partir dos pressupostos psicanalíticos, de poder transformar e problematizar paradigmas com o intuito de proporcionar desenhos de outros e novos horizontes, compor em outros ritmos, repaginar o instituído.

Referências

- Ayouch, T. (2015). Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Percurso*, 54, 23-32. <https://hal.science/hal-01498414>
- Bleichmar, S. (2021). *Clinica Psicanalítica e Neogênese*. Linear B. Editora.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trans.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ceccarelli, P. R., & Andrade, E. L. (2018). O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(2), 229-250.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142018000200229&lng=en&nrm=iso.
- Costa, A., & Poli, M. C. (2006). Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. *Pulsional Revista de Psicanálise*, (188), 14-21.
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-473321>
- Dunker, C. (2019). Psicanálise sem gênero. In: Ceccarelli, P. et al. *Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção*. São Paulo: Zagodoni, 1 ed, (pp. 47-54).
- Figueiredo, L. C. (2018). *Adoecimentos Psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (2016). *Estudos Sobre a Histeria*. Obras completas (Vol. 2). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1893 — 1895).
- Freud, S. (2010). *A Dinâmica da Transferência*. Obras completas (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (2016). *Estudos Sobre a Histeria*. Obras completas (Vol. 2). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1893 — 1895).
- Freud, S. (2016). *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Obras completas (Vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). *Os Instintos e seus Destinos*. Obras completas (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (2014). *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise* (Parte III). Obras completas (Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1916-1917).
- Greenon, R. (1998). Des-identificação em relação à mãe: sua especial importância para o menino. In: Breen, D. (Org.). *O enigma dos sexos*, 263-269. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1967).

Gueller, A. S. (2019). Dois homens podem ter um filho? Questões das crianças sobre gênero e sexualidade. In: Ceccarelli, P. et al. *Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção*, 93-109. São Paulo: Zagodoni.

Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. São Paulo: Dublinense.

Laplanche, J. (2016). A Revolução Copernicana Inacabada. *Revista Percurso*, 29(57/57), dez.

Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P. C. (2018). Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*, 30(3), 409-425. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652018000300002&script=sci_abstract

Martins, L. P. L. (2019). Sexualidade, gênero e identidade: questões para a psicanálise. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 22(2). <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/hrvCysDQsGwyknCgMnbp8mp/?lang=pt>

Miskolci, R., & Campana, M. (2017). “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade E Estado*, 32(3). <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/abstract/?lang=pt>

Money, J. (1955). *Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings*. Bulletin of the Johns Hopkins Hospital, 96, 253-264.

Porchat, P. (2018). Barulhos de gênero. In C. Françóia, P. Porchat, & P. Corsetto (Eds.), *Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina* (pp. 36-42). Calligraphie.

Rubin, G. (1975). The traffic in women: notes on the political economy of sex. In R. Reiter (Ed.), *Toward an Anthropology of Women* (pp. 157-210). Monthly Review Press.

Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/yKKGKsrdH3QvCNdYkTkPqpFP/abstract/?lang=pt>

Stoller, R. (1968). *A further contribution to the study of gender identity*. *International Journal of Psychoanalysis*, 49, 220-226.

Tarelho, L. C. (2012). A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. *Jornal de Psicanálise*, 45(83), 97-107. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352012000200009&lng=pt&tlng=pt

Notas:

1. Termo utilizado pelo autor na época de publicação de seu trabalho. Atualmente, o sufixo “ismo” remete a sentidos patológicos e excludentes, não sendo mais indicado nesses casos (Miskolci & Campana, 2017).

2. Com letra maiúscula para demarcar a diferença do Sexual psicanalítico do sexual presente na opinião popular.

3. Teoria que implica novas configurações sobre a teoria da sedução freudiana. Fornece outras roupagens para a relação de sedução entre o adulto e a criança para além da literalidade do “adulto perverso”, trabalhando com a sexualidade num sentido ampliado.

4. Temos como exemplo as falácias, alucinações e distorções criadas pela extrema direita brasileira em torno de uma denominada “ideologia de gênero” propagada pela suposta esquerda e pelo suposto comunismo que buscariam perverter e destruir as crianças, os valores cristãos e conservadores da suposta família tradicional brasileira (Miskolci & Campana, 2017).

5. Um mito judaico-cristão que ilustra como surgiram diferentes línguas no mundo. Inicialmente, a Torre de Babel possuía apenas uma língua, e seus habitantes a construíram para alcançar os céus. Por punição

divina, as pessoas falaram diferentes línguas e se confundiram. Assim, confundidas, incompreensíveis aos outros, pararam de construir e se espalharam por diferentes regiões da Terra.

Citação/Citation: Eccher, P. V.; Souza, M. de; Angeli, G. (2024). *Gênero, um conceito possível às teorias e práticas psicanalíticas. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XVI, no. 1.)*, pp. 3-18.

Recebido em: 23/10/2023

Aprovado em: 20/12/2023